



Revista eletrônica de ciências sociais aplicadas.

ISSN: 1980-0193

ARTIGOS COMPLETOS/COMPLETS ARTICLES

## ENTRE O MODERNO E O SACRO: A PRÁTICA PEDAGÓGICA CATÓLICA DE MORALIZAÇÃO DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX E A COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS

*Nilton Paulo Ponciano<sup>(1)</sup>*

*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS*

### RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a prática pedagógica católica como elemento estruturante no processo de organização sócioespacial do migrante que chegava no início dos anos 1950 à Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), detendo-se na análise da atuação da Igreja Católica nesta região, especificamente em seus agentes, os padres, embasando-se em um olhar da história que refuta a generalização dos processos sociais concebidos por pressupostos teóricos externos ao contexto estudado. A partir da análise de textos jornalísticos centrou-se na perspectiva em microescala para argumentar que a formação dos núcleos urbanos no interior da CAND é por conta das relações amistosas entre Estado e Igreja Católica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prática Pedagógica Católica; Colônia Agrícola Nacional de Dourados; História Social.

## BETWEEN THE MODERN AND THE SAINT: THE CATHOLIC PEDAGOGICAL PRACTICE OF MORALIZATION IN THE FIRST HALF XX CENTURY AND THE COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS.

### ABSTRACT

This research has the objective of reflecting on catholic pedagogical practice as structural element in the social and space process of organization of the migrant who arrived at the beginning of years 1950 in the *Colônia Agrícola de Dourados*, focusing the analysis of the performance of the catholic church in this region, specifically its agents - the priests, based on a look of the history that refutes the generalization of the social processes conceived by estimated external theoreticians to the studied context.

**KEYWORDS:** Catholic Pedagogical Practice; *Colônia Agrícola Nacional de Dourados*; Social History.

Perspectivas Contemporâneas, Campo Mourão, v. 3, n. 2, p. 03-17, ago./dez. 2008.

ISSN: 1980-0193

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir a contribuição da Igreja Católica no processo de implantação e organização do projeto de colonização estatal arquitetado pelo Estado Novo para o interior do Sul de Mato Grosso. Os conceitos aqui apresentados serão ilustrados a partir de exemplos de estudos que trabalham no campo da História Social. Considera-se, para tanto, que os migrantes são sujeitos ativos no processo em estudo, refutando a assertiva de que os seres humanos podem ser “coisificados” ao desenvolverem relações coercitivas em suas relações sociais, tornando-se meros objetos dominados. Acredita-se, que apesar de desiguais, as relações sociais não anulam integralmente os dominados, deixando sempre espaços de manifestações do migrante enquanto sujeito de sua história. Na mesma direção, foi utilizada como estratégia metodológica de pesquisa a redução da escala de observação, por considerar que um olhar em microescala ilumina trajetórias “miúdas” que possibilita conhecer melhor a organização social em estudo.

Segundo Jacques Revel (1998) a micro-história é um campo da história que surge com força no interior da historiografia da segunda metade do século XX, especificamente após o ano de 1960, período em que a escrita da história baseada nos grandes paradigmas, como a história Marxista e a história dos Annales (primeira e segunda gerações), é inquirida no interior de suas premissas. Esses modelos de história baseiam-se em uma narrativa homogênea, analisando fontes de séries quantitativas, explorando as estruturas sociais e econômicas numa perspectiva macrossocial. Já os historiadores da micro-história procuram guardar distância crítica em relação à abordagem macrossocial, dando à experiência dos atores sociais (o cotidiano, as práticas culturais, os sujeitos anônimos) uma significação e uma importância, frente ao jogo das estruturas.

A micro-história pode ser entendida, de maneira geral, como sintoma de uma insatisfação diante do desgaste de paradigmas científicos que inspiraram grandes painéis da pesquisa em ciências sociais a partir do fim do século XIX e que de modo geral, privilegiavam enfoques de tipo macroanalítico (LEVI, 1992; BARROS, 2008). A opção por uma abordagem microanalítica apresenta-se, portanto, como um experimento alternativo.

Assim, para Revel (1998) a micro-história procura trabalhar com a lógica da significação das experiências humanas em sua singularidade, procura demonstrar que vidas minúsculas também participam, à sua maneira, da grande história, dando a ela uma versão mais distinta, mais complexa. Para esse historiador a micro-história

Afirma em princípio que a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimentos. Variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama (REVEL, 1998, p.20).

Assim, pode-se dizer que a micro-história é uma prática dos historiadores baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental (BARROS, 2008). Vale registrar que para a micro-história a redução da escala de observação é um procedimento analítico que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado e que possibilitará revelar fatores não observados na perspectiva macrossocial. Logo, sugere-se que a micro-história seja lida com o fragmento como meio através do qual se pretende enxergar uma questão social mais ampla ou um problema histórico significativo. “Como se vê, a abordagem micro-histórica propõe enriquecer a análise tornando suas variáveis mais numerosas, mais complexas e também mais móveis” (REVEL, 1998, p. 23).

Dessa forma, uma das possibilidades de análise da micro-história está relacionada à trajetórias individuais, à escolhas de vidas para a “observação intensa”. Contudo, há outras formas de análise na micro-história além das biografias, das vidas

individuais, ou seja, determinada prática realizada por certo grupo social em uma comunidade historicamente determinada (BARROS, 2008) e foi privilegiando esse olhar que este estudo se propôs a trabalhar com a escala de observação reduzida, utilizando como fonte os textos jornalísticos editados pelo jornal O Progresso de 1956 a 1963. A escolha dos textos não se sustentou na perspectiva quantitativa, mas, se privilegiou as matérias assinadas pela Igreja Católica ou padres e bispos (pessoa física), especialmente as colunas intituladas “Palavras de vida” e “Juízo temerário”.

Essa escolha relaciona-se à hipótese de que trabalhar com a micro-história é ir além de reconhecer que há nas fontes estudadas a presença das práticas sociais que procuramos levantar, para acreditar que se devem observar, nestas redes de relações sociais, as experiências reveladoras de tramas pequenas detentoras de outros significados que torna a explicação histórica mais complexa, extrapolando, assim, as análises macroanalíticas. Como observa Revel:

A complexidade das operações de análise requeridas por esse tipo de abordagem impõe de fato um encolhimento do campo de observação. Mas os micro-historiadores não se contentam em registrar essa imposição factual; transformam-na em princípio epistemológico, já que é a partir dos comportamentos dos indivíduos que eles tentam reconstruir as modalidades de agregação (ou de desagregação) social (REVEL, 1998, P.25).

Partindo dessas observações, este artigo procura trabalhar com dois campos distintos: o Estado e a igreja, pois, ainda que aparentemente díspares em relação à seus projetos apresentam interrelações próprias do contexto histórico em estudo, são elas: a política estatal de implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) e a prática pedagógica católica.

Este estudo dará ênfase maior ao segundo aspecto por considerar que, embora trabalhe com um quadro teórico-metodológico flexível, a problemática aqui proposta deve, sempre que possível, explorar o elemento desvalorizado pela ciência cartesiana.

Este texto está estruturado da seguinte forma: Primeira unidade: a sociedade e a religião: para além de um modelo teórico de matriz economicista; Segunda unidade: a atuação pedagógica dos padres palotinos no interior da CAND: um olhar em microescala; seguido das considerações finais.

## **2 A SOCIEDADE E A RELIGIÃO: PARA ALÉM DE UM MODELO TEÓRICO DE MATRIZ ECONOMICISTA**

O nascimento e desenvolvimento de uma organização social são as bases de sustentação das práticas religiosas de qualquer sociedade. Essas práticas são sustentadas pela moralização e ocorrem em decorrência da necessidade de sistematizá-las. Isso significa que o processo de “moralização”, que forma os valores de ordem ética e moral de qualquer sociedade, somente se torna inteligível se observarmos, além das condições econômicas, suas relações de produção simbólica, as quais configuram, por sua vez, as relações de interdependências próprias do tecido social (PAIVA, 2003).

Essas relações de produção simbólica remetem-nos, necessariamente, à reflexão sobre a função do poder simbólico<sup>(2)</sup> na construção da realidade social, a qual consiste nas palavras de Bourdieu, “[...] num estado de campo em que se vê o poder por toda a parte” (BOURDIEU, 1998, p.7).

Grosso modo, essa assertiva sugere que as relações de produção simbólica são percebidas como formas sociais socialmente determinadas, que possuem certa autonomia e, portanto, contribuem para a construção da realidade social na medida em que estabelecem uma ordem para o sentido do mundo, especialmente do mundo social, proporcionando-lhe coesão.

Pierre Bourdieu (1998) registra ainda a importância da produção simbólica para o funcionamento da sociedade e sua coesão ao observar que:

Os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração ‘lógica’ é a condição da integração ‘moral’ (BOURDIEU, 1998, p.10).

A partir dessas considerações procurou-se analisar as práticas dos padres que atuavam na CAND durante os anos de 1950 a 1960, com o objetivo de compreender a produção simbólica que constituiu a “ordem moral” que dava forma, sentido e coesão à sociedade em estudo, por considerar que é no campo simbólico que se constitui a legitimação de uma ordem em que se funda o sistema de dominação (BOURDIEU apud MICELI, 2004). Antes, portanto, convém conhecer a instituição da produção simbólica, *locus* de produção dos discursos e representação de cultura.

Nesta pesquisa, a instituição de produção simbólica estudada diz respeito à Igreja Católica, que atuava na sociedade por meio da ação pedagógica de seus agentes: os padres.

Registre-se que a presença da religião no interior da Colônia esteve ligada mais diretamente à Sociedade do Apostolado Católico (SAC), aos padres palotinos. Antes da chegada destes havia a ordem de São Francisco de Assis que atendia a paróquia de Dourados desde 1938, e, por extensão, toda a Colônia Federal, já que esta pertencia àquele município.

O ano de 1954 registra o início da caminhada dos padres palotinos na CAND, quando o bispo de Corumbá entrega a paróquia da Vila São Pedro a essa ordem, que chegava com a “missão” de desenvolver a evangelização em uma região em formação. Segundo o suplemento literário dos palotinos, sua preocupação estava em educar os migrantes, comenta o texto que:

A entrada na selva se deu em 1954, com os padres José Daniel e Luís Vandrúsculo. No ano seguinte, outros três lhes seguiram os passos: Genésio Trevisan, José Stefanello e Amadeu Amadori. O início foi duro. Imagine-se o isolamento e a solidão daqueles sertões. Também a pobreza era absoluta, pois faltavam os recursos mais primários. Uma carta do Pe. Vandrúsculo nos dá conta desta situação: ‘por aqui tudo por fazer, tudo por salvar. Com o povo tenho de começar pelo sinal-da-cruz’ (REVISTA RAINHA, 1979, p.5-6).

Os padres da ordem da Sociedade do Apostolado Católico (SAC), conhecidos como palotinos por pertencerem à ordem que tem como fundador São Vicente Pallotti, chegaram a Mato Grosso nos anos 1950 em função de sua política de expansão, pois até

aquele período limitavam-se ao estado do Rio Grande do Sul. Comenta o padre Ládio Luiz Girardi que:

A história dos palotinos no Mato Grosso começa nos primeiros anos da década de cinquenta, quando a Província Nossa Senhora Conquistadora tomava consciência da necessidade de expandir seu campo de apostolado – até então restrito aos arredores de Santa Maria (RS) – para o Norte do País (REVISTA RAINHA, 1979, p.4).

### **3 A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DOS PADRES PALOTINOS NO INTERIOR DA CAND: UM OLHAR EM MICROESCALA**

O trabalho dessa ordem começou na sede da administração, como já assinalado anteriormente, mas, a partir de 1955, os palotinos voltaram-se para o interior da Colônia ocupando vários pontos onde se localizavam alguns povoados, como Vila Brasil – antigo Porto Ubatuba –, a sub-sede da Colônia – atual município de Vicentina –, e Glória de Dourados, principais focos de concentração humana na CAND dos anos 1950.

Analisando esses núcleos urbanos em formação é possível levantar a hipótese de que a religião católica desenvolveu neles o papel de ordenar a sociedade, por meio de seus discursos e práticas pedagógicas. Uma destas preocupações era em relação à expansão do catolicismo no mundo, bem a caráter da proposta da Igreja Católica da primeira metade do século XX<sup>(3)</sup>. Segundo matéria publicada em “O Progresso” (1956), assinada pelo padre José Daniel, a Inglaterra estava vivendo, no ano de 1956, uma verdadeira perturbação religiosa: o anglicanismo estava perdendo forças e o catolicismo avançava naquele país. Isso se daria em função de vários acontecimentos divergentes que estavam ocorrendo no interior da Igreja Anglicana, devido, principalmente, a suas inúmeras correntes de pensamento ou grupos, que acabavam por gerar conflitos entre si. Nas palavras do padre José Daniel,

Devido a estas controvérsias, dezenas de pastores já converteram-se ao catolicismo e vários grupos de outros pastores estão imitando o exemplo. O grupo alto conta com grandes personalidades, numerosos pastores e vários teólogos, estudam a conversão, em massa, dos ingleses ao catolicismo, notícias recentes de Londres anunciam que 17 clérigos anglicanos, converteram-se ao catolicismo [...] (DANIEL, 1956, p.3).

Observe-se que essa matéria, despreziosa em uma primeira leitura, ganha relevância quando se considera que o avanço do catolicismo em um país distante e desenvolvido como a Inglaterra, justificava a necessidade da presença católica na CAND, uma vez que, aquele país representava o modelo a ser seguido pelo Brasil, tanto no campo econômico como no social, principalmente porque, internamente, o Brasil estava vivendo a década do desenvolvimento acelerado da economia, do avanço da industrialização; em outras palavras, da chegada do progresso e da modernização, ou seja, estava vivenciando a era do otimismo geral<sup>(4)</sup>. E, se aquele país, que era avançado em muitas questões – que aqui levariam ainda algumas décadas para serem resolvidas – , estava passando pelo processo de mudança em “massa” de religião, ou seja, estava optando ser católico, isso serviria como uma lição importante aos migrantes da CAND, qual seja, o catolicismo era o caminho certo rumo ao futuro promissor da região.

Assim, o processo de constituição de uma ordem moral na sociedade, a partir dos valores do catolicismo procurava combater alguns princípios considerados perigosos a essa sociedade, tais como os perigos do comunismo e do protestantismo.

Na representação católica de sociedade, as ideias de um mundo secular e racional eram perniciosas e perigosas, uma vez que afastavam os homens e mulheres do tipo de vida recomendável às famílias que se propunham viver socialmente na moralidade; como redenção aos “perdidos” socialmente, a Igreja sugeria que “[...] repassemos em nós os sentimentos do batismo morrendo com Cristo para as loucuras do mundo para no dia da páscoa ressuscitarmos com Cristo cheios de vida, de amor, de caridade para com Deus e para com todos nossos irmãos” (MÃE..., 1962, p.3).

Ou, ainda, a igreja procurava desenvolver sua pedagogia ao enfatizar que era necessário

[...] remediar os males públicos e particulares, para extirpar os vícios e abusos, extinguir os ódios e as inimizades, acabar com os concubinários, e outros escândalos, em uma paróquia, para chamar o povo à observância dos

mandamentos da lei de Deus e da Igreja e estabelecer os bons costumes (SHEEN, 1963b, p.2).

Seguindo esse raciocínio, pode-se afirmar que a matéria jornalística que melhor evidencia a preocupação dos católicos em relação às ideias seculares seja a coluna “Palavras de vida”, do jornal “O Progresso”, datada de 13 de maio de 1962. Apesar de ser extensa, acreditamos ser oportuno citá-la na íntegra, haja vista sua clareza em relação à ordenação do comportamento social e, também, quanto à relação entre Estado e cristianismo:

Um dos heróis que propugnam pela causa mais correta da nação, com intenções puríssimas, no tocante à vanglória, é também a Mãe. Escondida aos olhos lisonjeiros do mundo, a Mãe despende liberalmente as suas horas de sono a saúde, os dotes para que seus filhos possam sair-se bem em todos os atentados próprios de sua tenra idade.

E enquanto nos vai proporcionando um físico sadio, pelo bom trato que para tal nos dá, vai justamente harmonizando as nossas paixões, amoldando o ódio, o desespero, a tristeza, já cultivando o amor, a esperança, a alegria. Tudo isto (sic) segundo o prisma com que ela encara o Ser Absoluto.

Nem se esquecerá de nos proporcionar os meios para que ponhamos em prática os seus ensinamentos, como também não nos deixará faltar oportunamente as correções.

Ela faz, enfim, tudo para que seu filho possa aproveitar plenamente de seus dotes naturais. Forma o homem na pujança maravilhosa de seu sentir, do seu pensar, do seu querer, eis as intenções inatas no espírito educador de toda mãe.

De certo modo, mais do que qualquer escola técnica, mais do que o exército é ela quem dá para o Estado os futuros agricultores, artífices, soldados; é também ela o primeiro Mecenas dos futuros Orácios [sic] da própria pátria.

Grande verdade, portanto exprimia Cícero quando falava: ‘A família é o seminário dos Estados’.

Mas a Mãe se torna educadora maravilhosa quando é Mãe cristã. Porque então a educação não só será de modo ao homem alcançar seus sonhos, senão que será realizada satisfatoriamente a educação na ‘ordem atual da Providência’, é como Pio XI chama a educação cristã [...]

É já nos albores da nossa inocência que queremos a palavra de Deus, divino monossílabo que a nós pode dar a explicação de todas as coisas. E nós, salvos dos graves desvarios da incredulidade, teremos a nossa cidadania térrea perfeita, porque vivida mais harmoniosamente com seu fim último. E, sobretudo, vivida na alegria [...]

E aqui os benefícios da Mãe cristã ao Estado são óbvios, se atentarmos para a prioridade que a pessoa deve ter sobre o Estado: pois terá como consequência lógica a estrutura do Estado como modo daquela.

E se a Mãe consegue tudo isto (sic), é porque é a educadora do amor. E só o amor tem a sagacidade de ler no futuro da alma as aptidões do próximo, e há

de se empenhar para cultivá-las satisfatoriamente. Só o amor tem a faculdade de dobrar a vontade para levá-la a crer.

Tantas dedicações hão de concluir: 'deve o Estado para a Mãe os olhares, não só de simpatia, como também os de assistência eficaz por parte dos governantes da Nação. E isso para que a Mãe possa não só ser a protegida de um varão, como também a rainha de um lar; o que equivale dizer: confortavelmente criar os seus filhos'.

Tal, porém, não acontece. Pois hoje, [...] esta coluna da civilização está sendo destruída. Atentam de fato contra esta heroína remediável, sim, mas insubstituível [...]

Eu creio, porém, que o que é filho de família, que conheceu o mais puro interesse de alguém por sua pessoa, quem sentiu o frêmito do amor mais verdadeiro e santo, certo, há de se empenhar para que também as gerações de porvir possam gozar destas graças (MÃE..., 1962, p. 3).

Note-se, nessas palavras, a preocupação em combater as ideias do mundo moderno e de constituir uma ordem moral cristã, a qual é representada simbolicamente pelo "amor de mãe". Assim, esse símbolo que circunda o universo familiar, denota algo puro, submisso, verdadeiro, opondo-se, claramente, aos valores do mundo "modernizante".

De maneira geral, percebe-se que a preocupação pedagógica da Igreja estava relacionada com a família. Note-se, na coluna citada, a preocupação com a figura da "mãe" como modelo de sociedade, de Estado e, em outras matérias, a própria família se torna objeto de reflexão da Igreja. Esse microcosmo social era o exemplo de sociedade a ser seguido; entretanto, tal modelo deveria ser baseado nos valores bíblicos para seu bom funcionamento. Como em Gêneses, a família somente se formaria quando um homem e uma mulher se transformassem em uma só carne após o casamento; quando há fidelidade masculina; quando surgem novos seres humanos; quando há autoridade por parte do homem e submissão por parte da mulher; e, quando houver amor entre seus membros, como bem esclarece o padre Lombardi.

Trata-se de uma verdadeira sociedade, a mais minúscula se se quiser, porém riquíssima, de meios e possibilidades, e a mais sugerida pela natureza [...] uma verdadeira força dentro da Igreja, quando bem entendida e executada a sua missão sublime [...] Um dos grandes esteios da autoridade dos pais dentro da família é a presença daquelas virtudes recomendadas pelo Apóstolo: 'Esposas estais sujeitas a vossos maridos, como convém ao senhor. Maridos, amai vossas

esposas, e não sejas ásperos para com elas. Pais, não provoqueis à indignação os vossos filhos, para que se não tornem pusilânimes' (MÃE..., 1962, p. 3).

Registre-se, assim, que a formação de uma sociedade sadia dependia da “moralização” de seu povo, do combate aos valores terrenos e seculares, assim como às ideias subversivas de um mundo ateu. E, se tais ideias estavam sendo divulgadas no tocante à formação dos valores morais e éticos da sociedade em formação, uma preocupação ainda restava à Igreja: o posicionamento político desta.

Não há dúvidas de que a Igreja Católica da CAND, naquela época, não indicaria diretamente à sociedade um partido político, não desenvolveria um discurso **político/partidário** e não assumiria uma postura abertamente defensiva dos grupos marginalizados pelo sistema político-econômico dominante. Essa concepção de Igreja aberta às mudanças é própria dos agitados anos 1950 e 1960, porém, esse comportamento católico diz respeito a outras regiões, como nos centros industrializados onde o proletariado estava se politizando, ou nas áreas rurais onde conflitos de terras estavam abertas e a politização dos camponeses era uma realidade<sup>(5)</sup>.

Entretanto, percebe-se nos documentos analisados para esta pesquisa uma clara preocupação da Igreja em combater a política partidária dos comunistas, o que também corrobora a hipótese de que a doutrina política da Igreja Católica da CAND estava em sintonia com as ideias do catolicismo ultramontano.

Em matéria de 1963, a coluna intitulada “Palavras de Vida” aborda a questão da liberdade sexual na sociedade, argumentando que tal assunto estava sobrepondo-se em importância às questões mais temerárias e importantes para a sociedade, tais como o comunismo e a bomba de hidrogênio. Vejamos o que comenta Fulton Sheen, em seu artigo intitulado “‘Libertação’ Sexual”:

Destes usos e abusos das palavras ‘libertação’ e ‘liberdade’, até parece que isto de ‘sexos’ era qualquer mistério ignorado, escondido no recanto mais tenebroso da África Equatorial ou da selva amazônica e só agora descoberto pelos audaciosos exploradores dos nossos dias. E dá-se ao caso mais importância e atenção do que ao futuro da humanidade em face do comunismo e da bomba de hidrogênio (SHEEN, 1963a, p.13).

Fulton Sheen foi explícito no combate às ideias comunistas também em outro artigo, intitulado “Juízos Temerários”. A começar pelo título, o autor questiona o valor e importância das mudanças sociais que estão ocorrendo naquele período e demonstra-se preocupado com o tipo de sociedade que estava em formação, justamente por se desviar do modo cristão de viver. Observa Sheen que:

Quase que a única espécie de reforma de que hoje se ouve falar é a reforma social – e sabe Deus quão necessária é realmente. Importa, porém, que certas arvoram-se em reformadores a fim de não terem de se reformar a si próprios. O comunismo, por exemplo, é uma filosofia muitíssimo cômoda, porque, segundo ela, todas as nódoas estão exclusivamente no plano dos outros. Preenchia a condição prévia de haverem sujeitado cegamente o espírito à tirania de Moscou, os comunistas acham legítima todas as suas mentiras, imoralidades e traições [...] querem arrumar a casa alheia, mas deixam a casa própria cheia de lixo.

Foi contra esses falsos reformadores que o nosso Divino Mestre disse: ‘Por que olha a palha que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu?’ (SHEEN, 1963b, p. 2).

Assim, percebe-se que o processo de “moralização” da Colônia, mesmo não se limitando ao trabalho jornalístico dos padres, é revelado claramente nos artigos aqui analisados, os quais divulgam os objetivos da prática pedagógica católica no interior da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, ou seja, formar uma sociedade fundada em uma ordem moral judaico-cristã-católica, a qual, na primeira metade do século XX, tinha como projeto político uma Igreja conservadora, procurando expandir essa instituição, combater as ideias seculares e o comunismo, e, com a relativa autonomia que a Igreja conquistara no jogo político entre ela e o Estado, sistematizar esta instituição social no processo de organização sócioespacial dos núcleos urbanos que estavam em formação no início dos anos 1950 no interior da CAND. Essas ideias vão ao encontro das observações que Scott Mainwarring faz sobre o posicionamento político da Neocristandade nos anos 50 do século passado, ao comentar que:

Por volta de 1955 havia três facções principais dentro da Igreja. Cada qual com uma visão diferente no tocante às mudanças sociais. Aqueles que continuavam a endossar a estratégia da Neocristandade passaram a ser os tradicionalistas,

embora esse modelo não pudesse ser classificado como tradicional antes dos anos 50. Esse grupo acreditava que a Igreja deveria seguir no combate à secularização e no fortalecimento da presença da instituição na sociedade. Por exemplo, a Igreja deveria organizar campanhas contrárias aos meios seculares de comunicação, à educação pública e aos partidos políticos progressistas. Deveria operar como um grupo de interesse, usando o Estado para garantir tantos privilégios quanto fosse possível, como forma de tornar católica a sociedade (MAINWARRING, 2004, p. 57).

#### 4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Levando em consideração esta assertiva e fundamentando-se no que foi discutido acima, argumentamos que a prática pedagógica católica de moralização da primeira metade do século XX na Colônia Agrícola Nacional de Dourados contribuiu para a constituição da sociedade que estava em formação no interior desta, a partir da construção de um *corpus* simbólico que exercia influência na formação moral dessa sociedade. A guisa de conclusão cabe lembrar que formar uma sociedade fundada em uma ordem moral judaico-cristã-católica, a qual, na primeira metade do século XX tinha como projeto político expandir sua instituição, combater as ideias seculares e o comunismo e, com a relativa autonomia que a igreja conquistara no jogo político entre ela e o Estado durante o Estado Novo, sistematizar organicamente esta instituição social no processo de organização sócioespacial dos núcleos urbanos que estavam em formação no início dos anos 1950 no interior brasileiro.

#### REFERÊNCIAS

BARROS, J. D. **O campo da História: especialidades e abordagens**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRUNEAU, T. C. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

BUSATO, José Paschoal. Mais um aniversário de Vila Brasil. **O Progresso**. Dourados, ano XI, n. 464, 15 de Jul. de 1962, p.2.

DANIEL, José. Palavras da vida. Jornal O PROGRESSO. Dourados, 10 de junho de 1956, p. 3.

LEVI, G. Sobre a micro-história. NURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

MÃE, mãe cristã e o Estado. **O Progresso**. Dourados, ano XI, n. 455, 13 de maio de 1962. Seção Palavras de vida, p.3.

MAINWARRING, S. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004

MELLO, J. M. C. de; NOVAIS, F. A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, F. A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PAIVA, A. R. **Católico, protestante, cidadão**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

REVEL, J. Microanálise e construção do social. \_\_\_\_\_. (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

REVISTA RAINHA. No princípio era a selva: 25 anos de missões palotinas no Mato Grosso. Porto Alegre: Gráfica Pallotti, 1979. Suplemento especial.

REVISTA RAINHA. 50 anos dos palotinos no Mato Grosso do Sul. Porto Alegre: Editora Pallotti, 2004. Suplemento especial.

SHEEN, Fulton. Juízos temerários – os problemas da vida. **O Progresso**, Dourados, ano XII, n. 525, 01 de set. de 1963a. Seção Palavras de vida, p.13.

\_\_\_\_\_. Juízos temerários – os problemas da vida. **O Progresso**, Dourados, ano XII, n. 529, 15 de set. de 1963b. Seção Palavras de vida, p.2.

## NOTAS

(1) Graduação em História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS (1990), Especialização em História do Brasil pela Universidade Severino Sombra, Vassouras (1995), Mestrado em História pela Universidade Estadual do Centro Oeste (2000), Doutorado em História e Sociedade pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, Assis (2006), Professor da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul e servidor do Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul. E-mail para contato: nponciano@hotmail.com

(2) A respeito da concepção do poder simbólico, ver a obra do sociólogo Pierre Bourdieu intitulada *O Poder Simbólico*, especificamente o 1.º capítulo, *Sobre o poder simbólico*, no qual o autor observa que os instrumentos de poder simbólico podem ser compreendidos “[...] como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo objetivo, meios de comunicação e instrumentos de dominação” (BOURDIEU, 1998, p.16).

(3) A este respeito ver os trabalhos de Thomas C. Bruneau, *Catolicismo Brasileiro em Época de Transição* e Scott Mainwarring *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*.

(4) A este respeito, ver o texto dos pesquisadores João Manuel Cardoso de Mello e Fernando A. Novais, intitulado *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*, assim como o texto intitulado *Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural*, da prof. Doutora Vânia Maria Losada Moreira.

(5) Sobre a mudança política da igreja, ver a obra de Scott Mainwarring, *A Igreja Católica e a Política no Brasil 1916-1985*, especificamente o capítulo que discute a decadência da Igreja da Neocrisandade, além da obra de Thomas C. Bruneau, *Catolicismo Brasileiro em Época de Transição*, especialmente a segunda parte dessa obra, que discute a Igreja no mundo moderno.

Enviado: 28/02/2008

Aceito: 05/11/2008

Publicado: 30/12/2008